



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **ATRAVESSAMENTO ENTRE NEOLIBERALISMO E A PRÁTICA DOCENTE**

Rebecca de Medeiros Silva; Patrick Coutinho da Silva; Estela Scheinvar

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro(UERJ) – Faculdade de Formação de Professores (FFP);*  
[rebecca.mdrs@gmail.com](mailto:rebecca.mdrs@gmail.com)

### **RESUMO**

Este trabalho se coloca como uma continuação de meus estudos e análises elaborados a partir do material produzido no Curso de Extensão: PENSANDO FERRAMENTAS PARA INTERVIR NA ESCOLA<sup>1</sup>, coordenado pela socióloga Estela Scheinvar, na Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP) em São Gonçalo/RJ. O presente trabalho se propõe a discutir as práticas docentes no contexto do neoliberalismo, com ênfase na produção subjetiva em torno de um modelo de professor caracterizado pela lógica pastoral relacionada à lógica disciplinar. A sociedade disciplinar se organiza por normas e dispositivos que irão estruturar práticas cotidianas como as escolares, tornando a docência uma relação de produção de docilização. A disciplinarização, no contexto da sociedade liberal, se atualiza e, de acordo com Richard Sennett, transformações nas relações de trabalho têm apresentado a emergência de novos dispositivos de vigilância e controle. Percebemos na fala dos participantes do curso que a relação que estabelecem com seus alunos tornou-se uma preocupação. De acordo com os relatos a prática docente assume como lógica central: a condução dos alunos por um caminho de sucesso a partir da boa relação entre professor-aluno no processo de escolarização. Entendemos a articulação do poder pastoral com o poder disciplinar tem sido o modo por meio do qual a escola tem funcionado. Destacamos que, em meio à emergência das novas tecnologias liberais/neoliberais, o poder pastoral não irá extinguir-se, ao contrário, irá manter-se na forma como são naturalizadas as práticas pedagógicas.

**Palavras-chave:** Educação; Neoliberalismo; Produção de subjetividade; Poder pastoral; Sociedade disciplinar.

---

<sup>1</sup> O curso foi ministrado pela equipe do projeto: Marina Barbosa, Patrick Coutinho, Gabriela Barros (bolsistas), Luan Sávio (pedagogo) e Estela Scheinvar (coordenadora).



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## Introdução

Este trabalho se coloca como uma continuação de meus estudos e análises elaborados a partir do material produzido no Curso de Extensão: PENSANDO FERRAMENTAS PARA INTERVIR NA ESCOLA<sup>2</sup>, coordenado pela socióloga Estela Scheinvar. O presente trabalho se propõe a discutir as práticas docentes no contexto do neoliberalismo, com ênfase na produção subjetiva em torno de um modelo de professor caracterizado pela lógica pastoral relacionada à lógica disciplinar. A sociedade disciplinar se organiza por normas e dispositivos que irão estruturar práticas cotidianas como as escolares, tornando a docência uma relação de produção de docilização. A disciplinarização, no contexto da sociedade liberal, se atualiza e, de acordo com Richard Sennett, transformações nas relações de trabalho têm apresentado a emergência de novos dispositivos de vigilância e controle.

Percebemos na fala dos participantes do curso que a relação que estabelecem com seus alunos tornou-se uma preocupação. De acordo com os relatos a prática docente assume como lógica central: a condução dos alunos por um caminho de sucesso a partir da boa relação entre professor-aluno no processo de escolarização.

Em sua obra, Foucault afirma que o pastor tem em sua prática uma perspectiva salvacionista. Para ele, o ato de pastorear tem como foco os indivíduos (no nosso caso, os estudantes) e não o território (no nosso caso, a escola), visando o zelo e a salvação das ovelhas. “O poder pastoral é um poder de cuidado. Ele cuida do rebanho, cuida dos indivíduos do rebanho, zela para que as ovelhas não sofram, vai buscar as que se desgarraram, cuida das que estão feridas” (FOUCAULT, 2008b p.170). Tais características se fizeram presentes nos debates do curso, e podem ser ilustradas com preocupação de uma professora em formar indivíduos e, mais do que isso, indivíduos que sejam capazes de, por si só, “seguirem caminhos”:

*Mas nós estamos aqui para produzir, para formar, ajudar a formar indivíduos. Pessoas que daí serão capazes de continuar seguindo o caminho, independente de ser rede pública ou rede privada. Nós, no espaço escolar, estamos aqui pra ajudar a*

---

<sup>2</sup> O curso foi ministrado pela equipe do projeto: Marina Barbosa, Patrick Coutinho, Gabriela Barros (bolsistas), Luan Sávio (pedagogo) e Estela Scheinvar (coordenadora).



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

*construir indivíduos, capazes de seguir seu caminho... Então nós temos que fazer o melhor, e fazer esse melhor está me colocando em crise... (Professora 2)*

Entendemos a articulação do poder pastoral com o poder disciplinar tem sido o modo por meio do qual a escola tem funcionado. Destacamos que, em meio à emergência das novas tecnologias liberais/neoliberais, o poder pastoral não irá extinguir-se, ao contrário, irá manter-se na forma como são naturalizadas as práticas pedagógicas., quando subentendido que, como afirma a professora 2, os professores são responsáveis por “...ajudar a construir indivíduos, capazes de seguir seu caminho...”.

## **I - O professor e suas ovelhas**

Nos dias 17, 18 e 19 de julho de 2013 realizamos, na Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo da UERJ, um curso de extensão denominado “Pensando ferramentas para intervir em conflitos e crises na escola”<sup>3</sup>. Destinado a professores e demais profissionais atuantes no espaço escolar, bem como a estudantes universitários, ele foi organizado e ministrado pelo grupo de pesquisa “Estado de Direito e a judicialização da vida – atravessamentos entre práticas do conselho tutelar e da escola”. O objetivo do curso era problematizar as tensões do cotidiano escolar, a partir de um referencial conceitual apoiado nas ideias de Michel Foucault e, para tanto, foram trabalhados os seguintes temas: mecanismos disciplinares, campos de força que atravessam a escola, processos de normalização, lógica penal e universalização da escola. A análise dos debates dos três encontros do curso nos levou a escrever este texto, destacando apenas algumas das muitas preocupações e problematizações que emergiram nesse espaço de pensamento coletivo<sup>4</sup>.

Podemos dizer que as falas dos participantes do curso mostraram como preocupação central a relação que os professores estabelecem com os estudantes. A partir de suas experiências entendem ser a relação professor-aluno a responsável pelo sucesso no processo de escolarização:

---

<sup>3</sup> O curso foi ministrado pela equipe do projeto: Marina Barbosa, Patrick Coutinho, Gabriela Barros (bolsistas), Luan Sávio (pedagogo) e Estela Scheinvar (coordenadora).

<sup>4</sup> A transcrição dos debates foi realizada pelos bolsistas e pelo pedagogo que participaram do projeto.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

*Isso que eu me pergunto todo santo dia. O que eu tô fazendo dentro da sala de aula? E o que que tem, qual é, não digo nem a questão do compromisso em sim, mas o que é aquela relação professor aluno? Eu me sinto muito culpada às vezes, eu entro muito em conflito. Até onde eu estou sendo responsável em matar a vontade de viver daquelas crianças? Até onde eu tô tirando isso? E até onde eu tô alimentando? Então assim, todo dia eu acordo e penso, no ônibus [eu penso], eu durmo pensando, isso vai me enlouquecer, acho que sim, vai chegar um momento que isso vai ser mais forte do que eu (Professora 1).*

O comportamento do professor, as possibilidades dele criar vínculos com os estudantes, a sua capacidade de fazê-los interessar-se pelos conteúdos e de apreendê-los foram elementos entendidos por muitos dos participantes do curso como definidores do futuro dos estudantes. Chamou a nossa atenção a pouca relação que se estabelecia entre esse sentimento e as condições em que se trabalha na escola. Tanto as condições docentes, quanto a lógica pedagógica e os recursos com os que trabalham eram abordados em separado desse sentimento de enorme responsabilidade por salvar os estudantes, sobretudo os pobres, questionando a sua ética profissional sem mencionar, ao referir-se a ela, à estrutura escolar. Tal perspectiva analítica pode ser colocada em análise a partir do célebre curso ministrado no ano de 1978 por Foucault (2008b) no Collège de France, “Segurança, Território e População”.

Em sua obra, Foucault afirma que o pastor tem em sua prática uma perspectiva salvacionista. Para ele, o ato de pastorear tem como foco os indivíduos (no nosso caso, os estudantes) e não o território (no nosso caso, a escola), visando o zelo e a salvação das ovelhas. “O poder pastoral é um poder de cuidado. Ele cuida do rebanho, cuida dos indivíduos do rebanho, zela para que as ovelhas não sofram, vai buscar as que se desgarraram, cuida das que estão feridas” (FOUCAULT, 2008b p.170). Tais características se fizeram presentes nos debates do curso, e podem ser ilustradas com preocupação de uma professora em formar indivíduos e, mais do que isso, indivíduos que sejam capazes de, por si só, “seguirem caminhos”:

*Mas nós estamos aqui para produzir, para formar, ajudar a formar indivíduos. Pessoas que daí serão capazes de continuar seguindo o*



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

*caminho, independente de ser rede pública ou rede privada. Nós, no espaço escolar, estamos aqui pra ajudar a construir indivíduos, capazes de seguir seu caminho... Então nós temos que fazer o melhor, e fazer esse melhor está me colocando em crise... (Professora 2)*

Segundo o filósofo francês, o poder pastoral não possui raízes helênicas. Ele emerge no Oriente pré-cristão, sobretudo entre os hebreus. Para Foucault (2008b), Platão distanciava-se da ideia do homem político como pastor, à diferença da cultura hebraica, para a qual o pastor era essencialmente Deus: “As relações entre Deus e seu povo é que são definidas como relações entre um pastor e seu rebanho. Nenhum rei hebreu, com exceção de David, fundador da monarquia, é nominalmente, explicitamente, designado como pastor” (p.167). A ideia de pastorado chega ao Ocidente por meio da institucionalização da Igreja Católica, nos séculos II e III depois de Cristo. Será ela a responsável por coagular as relações pastorais em mecanismos e instituições, organizando assim, no seio do Império Romano, essa noção de poder alheia à tradição helênica:

*...o pastorado começa com certo processo que, este sim, é absolutamente único na história e de que sem dúvida não encontramos nenhum exemplo em nenhuma outra civilização: processo pelo qual uma religião, uma comunidade religiosa se constituiu como Igreja, isto é, como uma instituição que aspira ao governo dos homens em sua vida cotidiana a pretexto de levá-los à vida eterna no outro mundo, e isso na escala não apenas de um grupo definido, não apenas de uma cidade ou de um Estado, mas de toda a humanidade (FOUCAULT, 2008b, p.196).*

O poder pastoral, que chega ao Ocidente no século II, irá manter-se, aperfeiçoar-se, desenvolver-se até o século XVIII, quando temos a emergência da biopolítica, uma tecnologia política das populações. Tal mecanismo, que encontra seu sentido a partir da formação do Estado liberal<sup>5</sup> e da percepção da população enquanto novo corpo político, visa incluir em um cálculo de poder “características biológicas mais fundamentais” (2008a) do homem e fenômenos da vida humana, no intuito de articulá-los nas práticas

---

<sup>5</sup> O Estado Liberal baseado no liberalismo econômico é constituído a partir de princípios e teorias políticas, fundamentados na liberdade jurídica e na individualização do sujeito. Na teoria liberal o Estado não deve atuar fortemente na economia e na vida cotidiana da população.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de controle. Para tanto, será necessário fazer a vida por meio de um processo contínuo de normalização e regulação.

Encontramos no processo de normalização uma ligação entre o biopoder e o poder disciplinar, que opera pela lógica biopolítica. Ou seja, a norma é essencial tanto para disciplinar um corpo, quanto para a regulação da população, o novo alvo político de governabilidade a partir do século XVIII. Compreendemos que a emergência de uma nova tecnologia de poder, a biopolítica, não substitui tecnologias anteriores, como o poder pastoral. Ao contrário, ambos operam de forma articulada. O poder pastoral passa a interagir com o dispositivo disciplinar, auxiliando-o nos enquadramentos normalizadores, tão importantes ao governo das populações.

Destacamos que, em meio à emergência das novas tecnologias, o poder pastoral não irá extinguir-se, ao contrário, irá manter-se na forma como são naturalizadas as práticas pedagógicas, quando subentendido que, como afirma a professora 2, os professores são responsáveis por “...ajudar a construir indivíduos, capazes de seguir seu caminho...”. Entendemos que ele está atravessado pela relação estabelecida entre disciplina e biopolítica, ou seja, a articulação do poder pastoral com o poder disciplinar tem sido o modo por meio do qual a escola tem funcionado.

### II - Um pastor disciplinado e flexível

*“Eu exijo que meus alunos fiquem sentados e mantenham a boca fechada, porque preciso dar aquele conteúdo, inserir aquela matéria, apresentar aquele programa, porque se não vou ser cobrada.”* (Professora 3). A professora deixa claro que só pode cumprir com o que o sistema escolar exige disciplinando seus alunos. Exigir que fiquem em silêncio e devidamente sentados é uma condição para que consiga corresponder ao que é entendido como trabalho de um professor. A docilidade deles e dela ao obedecerem ao que se institui como prática escolar é a expressão do aumento da submissão política e da potência produtiva (econômica) do corpo, como explica Foucault (1987) em seu livro “Vigiar e Punir”. Nele o autor apresenta de uma maneira



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ampla a definição de poder disciplinar, constituído por mecanismos de controle do corpo, tornando-o obediente e útil, com o objetivo de produzir indivíduos potentes, capazes de funcionar em uma sociedade concebida como uma máquina. “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 1987, p.119). A construção da docilidade se dá por meio de métodos que se aplicam sobre o tempo, os espaços e as ações, enquadrando a todos.

As equipes pedagógicas usam métodos disciplinares para que todos os que habitam a escola se enquadrem em um padrão de comportamento. Usam técnicas que irão delimitar o que o aluno pode ou não pode fazer – hora de ir ao banheiro, levantar a mão para falar, manter-se em silêncio, não levantar durante a aula sem a sua autorização, comer a quantidade estipulada de merenda, entre outros. Também os trabalhadores têm que enquadrar-se nas normas: hora de ir ao banheiro, modo de se relacionar com os estudantes e colegas de trabalho, roupa que devem usar... Não bastassem as inúmeras demandas comportamentais, acadêmica e politicamente a equipe pedagógica *deve* obediência às regulamentações, planos, políticas, regras, programas, enfim, a toda uma estrutura político-pedagógica que define o que ele tem que fazer, em que tempo, de que modo e, o que é mais violento, as metas ou resultados aos que tem que chegar. A singularidade daqueles que constroem a relação pedagógica dissolve-se ante o arsenal de ditames aos que todos têm que obedecer.

Embora as resistências coexistam com as estratégias de controle, as normas, como mecanismo articulador da vida coletiva, são produzidas como necessárias ao funcionamento de um espaço esquadrihado, e boa parte delas são acordadas pelas equipes pedagógicas das escolas, estipuladas e mantidas por elas, definindo e aplicando punições àqueles que não as respeitem – sejam trabalhadores ou estudantes –, afirmando concepções que há séculos vêm se consolidando.

De acordo com os relatos dos presentes ao curso, o uso de fichas de ocorrência como forma de punir os alunos é frequente: “... *eu uso dessas fichas para a mudança do aluno [de escola]. Se ele tem algum problema... é usada como um mecanismo de punição e de vigilância*” (professora 4). Nessas fichas os professores relatam os



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

problemas ocorridos em sala de aula - geralmente o mau comportamento dos alunos - à direção, à coordenadora da escola, ao conselho tutelar ou até à Secretaria de Educação. Caso isso não ocorra, a equipe pedagógica pode ser acusada de omissão e sofrer processos jurídicos, conforme relatado por uma professora que mostra a exigência da punição tanto pelos órgãos educacionais como pela família:

*A gente é punido, o professor é punido por omissão. Eu estou respondendo ao Ministério Público por isso. A escola foi considerada omissa, a diretora e a supervisora também estão respondendo. A família prestou queixa porque nós não punimos. O aluno foi submetido a piadinhas, vexames e bullying, e a gente só conversou, não puniu ninguém. E deu muito trabalho, ainda está lá o inquérito. (Professora 5)*

Os professores observam que as fichas de ocorrência não têm o efeito prático que gostariam, porém não deixam de acreditar na lógica penal e no seu instrumento diletto, a punição, para tornar seus alunos obedientes e produtivos. Assim como o professor, todos os que estão na escola estão submetidos a práticas de punição que pautam as relações que atravessam a escola. Como afirma a Professora 5, ela foi submetida a processo jurídico por buscar formas próprias para lidar com o ocorrido em sua sala de aula. Contudo, o que constatarem as falas foi a busca por outros meios de punir, sejam eles o uso de fichas ou de novos mecanismos, mesmo quando não percebem, efetivamente, mudanças na relação que pretendem modificar por meio do castigo:

*Difícilmente eu mando esses alunos serem registrados no livro de ocorrência, porque eles querem faltar à aula e o pai terá que faltar ao trabalho. Ai, o que eu faço? Engulo seco, tiro a educação física, o recreio... vou levando... Ai para até a próxima semana..., depois começa de novo. É assim que eu passo a semana, me preparando para a próxima. Não resolveu naquela semana, não vai resolver na outra, e vamos continuar angustiados com aquele problema que é real.*

*Não adianta, a gente perde um tempão porque podia estar fazendo um trabalho efetivo dentro da sala ... algo que não ocorre, porque a gente tem a burocracia, tem que preencher [as fichas], se acontecer alguma coisa vem o processo. Cadê, o que a escola fez? (Professora 6)*



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A lógica da punição não é estremeçada, mas afirmada quando se acredita que haveria uma forma boa, correta, eficiente de castigar. Novas habilidades e rotinas técnicas são anunciadas como suporte para o bom funcionamento da escola, o que se entende como a possibilidade de melhor controlar os estudantes, ou seja, de melhor punir para que com mais eficiência o professor cumpra com as metas estabelecidas. A lógica punitiva não se altera, ampliam-se as tarefas. Esta ideia se encontra com a ampliação de tarefas que a sociedade flexível prescreve para todas as práticas profissionais, como símbolo de competência e de domínio do mundo do trabalho. No livro “*A corrosão do caráter*”, Richard Sennett (2009) apresenta como uma nova lógica de trabalho, no fim do século XX, a *flexibilidade*, que trouxe mudanças no íntimo do trabalhador que agora não só tem que se submeter a rotinas fixas, mas a demandas diversas e inesperadas, às que tem que responder com prontidão. Ao analisar a prática docente percebemos que os professores trabalham com diversas turmas, em várias escolas, atendendo a demandas que vêm de diferentes campos como o da educação, da saúde, da assistência social, do judiciário e, em alguns casos, com contratos de trabalho precários e temporários. Para o autor essa forma de trabalho faz com que o funcionário construa um vínculo tenso com o seu emprego e não veja mais aquilo como um plano a longo prazo para construir um projeto de vida com seus esforços, promovendo desmotivação e descrença em suas relações de produção. Sente-se uma máquina a responder a metas, sem pensar em sua prática.

*O professor é obrigado a pegar 5 turmas de 50 alunos e tem que querer ter boa vontade de trabalhar com todos? E isso é uma questão que também me cansa, o problema ser reduzido à falta de vontade de trabalhar. Não é por falta de vontade, pelo menos eu acho que não. (Professora 1)*

Para Sennett (2009) a ideia de flexibilidade<sup>6</sup> está relacionada às formas do eu, à forma como o indivíduo se molda de acordo com as variáveis. Em sua análise apresenta as ideias de Adam Smith, economista liberal do século XIX, para quem o controle do ritmo e do tempo de trabalho no capitalismo embrutecia os homens. A tese de Smith

---

<sup>6</sup> O capitalismo flexível reduz as exigências formais e legais no sistema empregatício sob o argumento de desburocratizar e facilitar o processo de contratações. Para o autor o imediatismo do capitalismo flexível, as bases instáveis do sistema econômico, não são compatíveis com uma definição sólida de caráter, ou ética.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

consistia em demonstrar que com a expansão do mercado seria necessária maior especialização dos trabalhadores e, portanto, ampla divisão de trabalho. Esta, por sua vez, exigiu uma ordem e uma rotina próprias à produção em série, entendida pelo economista como tenebrosa. De acordo com o pensador, quanto mais se trabalha menos se ganha em termos de conhecimento: o indivíduo se torna uma criatura estúpida e ignorante. Essa rotina passa a ameaçar o que Sennett chama de caráter íntimo do ser humano porque embrutece e reduz a espontaneidade da pessoa, redundando em um progresso material, mas não moral. “Em certo ponto, a rotina torna-se auto destrutiva, porque os seres humanos perdem o controle sobre seus próprios esforços; falta de controle sobre o tempo de trabalho significa morte espiritual” (SENNETT, 2009, p. 41).

Sennett percebe que, de acordo com Adam Smith, há forças externas variáveis que promovem o caráter pessoal. Já os teóricos pós Smith buscam identificar essa mudança e pensar como ficar livre dessas forças. O que se vê é que essa nova forma de relação de trabalho não liberta, mas cria novos mecanismos de poder e controle. “Em termos ideais, o comportamento humano flexível deve ter a mesma força tênsil: ser adaptável a circunstâncias variáveis, mas não quebrado por elas... As práticas de flexibilidade, porém, concentram-se mais nas forças que dobram as pessoas” (SENNETT, 2009 p. 53).

Todos os elementos que comportam a flexibilidade prometem a liberdade, o fim das burocracias, findar com as amarras de um antigo regime, mas tudo isso se mostra enganoso, de acordo com Sennett (2009), que considera que surgiram, com a flexibilidade, novas formas de ser burocrático e de vigiar os funcionários. A ampliação de tarefas tem sido justificada por sua correlação direta com a lógica de controle. Com isso vemos que mesmo com medidas disciplinares novas, as condições de trabalho se mantêm tensas, o professor que de um lado é responsabilizado pelo que acontece em sua sala de aula, pelo outro acaba interiorizando um discurso que o faz sentir-se responsável por tal ambiente de trabalho e educação. Sistemáticamente, expressam a sua angústia de ter que “educar” os seus alunos, além de ensinar os conteúdos escolares.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Essa separação entre conteúdo e educação, dentro da lógica disciplinar, significa separar a aprendizagem conteudista da disciplina (docilização). Ou seja, o professor espera que seus alunos cheguem à escola obedientes, assim a família seria a responsável por normalizar a criança antes que entre na escola. Há uma separação entre a ideia de ensinar conteúdos e a prática de normalizar, sem perceber que a escola funciona por meio de mecanismos disciplinares e que conteúdo e disciplina são ensinados simultaneamente. Não por acaso os conteúdos acadêmicos são chamados de disciplinas.

Alguns professores se sentem sobrecarregados com a dinâmica docente, tentando superar dificuldades físicas e culturais, como não ter uma sala de aula adequada, não ter material suficiente, não saber lidar com os campos de interesse dos alunos, com o modo como se dão as suas relações familiares ou, ainda, com a maneira como eles se relacionam: “... *quando eu vou pra escola eu falo com meus amigos ‘Eu vou fazer tudo, menos dar aula.’. Porque eu chego lá não tem bola, não tem material, ou você é psicólogo, ou é amiguinho do aluno*” (Professor 1).

Nesse cenário sentem-se responsáveis pela aprendizagem dos estudantes. Para Sennett a condição no trabalho está diretamente ligada às possibilidades de construir as formas de existência das pessoas. Desta perspectiva caberia perguntar-se como poderia o professor conduzir as almas, em uma lógica pastoral, se as suas relações de trabalho e os modos de existência dos estudantes não são compatíveis com a condução das suas crenças?

Ser um bom indivíduo segundo as lógicas pastorais é conduzir as almas a um bom fim. A partir dessa perspectiva ser um bom professor é ser um bom pastor. Cuidar do íntimo de suas ovelhas é a atribuição de um bom pastor, o que significa grande dedicação e controle minucioso da sua vida, porém com esse sistema flexível o professor tem diversas tarefas, se dispersa e não consegue trabalhar sobre tal lógica, gerando mais esgotamentos e descrença: “*Na verdade nós não estamos formando ninguém*” (Professora 6).

O que percebemos na fala dos que participaram do curso de extensão é a potência da lógica pastoral, presente nitidamente na prática do professor. Como dito



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

antes, o pastor por excelência é aquele que cuida de todas as suas ovelhas, lhes oferece todo o suporte possível. Um soberano por si só, não tem essa capacidade, não é ele que fornece comida a seus súditos, quem o faz é o agricultor; não é ele que cuida da saúde de seus súditos, essa tarefa é do médico. Assim sendo, o poder pastoral dentro da cidade, só seria possível se realizado em atividades focadas. Nesse sentido, os médicos, os pedagogos, os agricultores e, principalmente, os professores, agem como pastores. Eles possuem vários rebanhos definidos e agrupados por níveis, por escalas definidas por idade e de acordo com a avaliação a cada ano escolar; devem fazer todo o possível para cuidar de suas ovelhas sem que nenhuma delas se perca, se desvie do curso programado.

...o pastorado no cristianismo deu lugar a toda uma arte de conduzir, de dirigir, de levar, de guiar, de controlar, de manipular os homens, uma arte que tem a função de segui-los e de empurrá-los passo a passo, uma arte que tem a função de encarregar-se dos homens coletiva e individualmente ao longo de toda a vida deles e a cada passo de sua existência (FOUCAULT, 2008b, p. 218-219)

### Referência Bibliográfica

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia* Vol.1. São Paulo: Editora 34, 1º Ed. (1995). Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa
- FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica cartografias do desejo*. 4ª Ed., Petrópolis: Vozes, 1996.
- SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 14ª Ed., Rio de Janeiro: Record, 2009.